

FAIND-UFDG 04.12.2017, Dourados, MS, Brasil

Uma aproximação aos desafios da interculturalidade no processo de formação docente entre os Guarani-Kaiowá no Brasil

“Não é por a escola, que a gente luta, mas a gente luta por escola como espaço para preparar para a luta maior... pela terra... pela nossa identidade... nosso pensamento... para lutar por nossos direitos. Se a gente não sabe, quem somos nós, como que a gente vai lutar por nós mesmos?”

Eliel Benites, professor Kaiowá Guarani

Georg Grünberg

Na América Latina, o conceito de comunicação intercultural está intimamente ligado ao surgimento da "educação popular" dos anos 60 e 70, liderada por pesquisadores e pedagogos como Paulo Freire (Brasil), Orlando Fals Borda (Colômbia) e Carlos Núñez (México) .

Este conceito baseia-se na compreensão da educação como um "diálogo de conhecimento", uma troca de conhecimentos e experiências, reconhecendo e fortalecendo identidades individuais e coletivas. "Aprenda a aprender" é o imperativo, recriar o mundo imaginário e contrastá-lo com o mundo "real" para poder mudá-lo! Esta "pedagogia da libertação" sempre tenta fortalecer e envolver os "objetos" da educação, da pesquisa, os educandos transformados em sujeitos e pesquisadores.

No paradigma tradicional da Educação Indígena Escolar se continua usando o instrumental do indigenismo de integração, com os instrumentos mais persistentes e exitosos do processo de dominação cultural ocidental de tradição colonial. Como consequência se:

- cria uma imagem de superioridade de outra cultura, língua, visão do mundo e trata a diversidade como “problema”;
- ocupa o tempo e o espaço que estão destinados a educação dentro da família, da parentela, comunidade para viabilizar os conhecimentos escolares;
- rompe ou atrasa o processo de socialização da criança, formando adultos com personalidade inacabada e conhecimentos fora do contexto;
- converte a escola em espaço de centralizar um poder que somente favorece uma parte da comunidade, negociando constantemente espaços com outros poderes;
- trata o “índio”, o caboclo etc. como um “problema” do Estado e da sociedade dominante, ao revés da percepção do aluno, perguntando-se: quem é o problema, eu (o aluno) ou a escola? Porque será sempre eu?

No conceito da educação ocidental a noção da pessoa se baseia no indivíduo, não na família, relegando a convivialidade, que é o marco para fazer acontecer a “educação”, ao espaço privado e muito restrito, hierarquicamente inferiorizado. A escola assume a função da parentela, a “educação” se converte em atividade escolar....

Como resultado se dá a crescente fragilização das relações sociais, a diminuição da capacidade de resolver problemas e de estabelecer normas de comportamento na parentela e na comunidade. Tudo importante é delegado a escola e ao estado. Induz ter vergonha de ser índio. É o final de um processo de destruição de uma cultura e da autoestima do indivíduo. A reserva enquanto espaço físico delimitado, se converte em “reserva na cabeça” – uma auto- exclusão e negação do valor próprio.

Como alternativa se está formando o fortalecimento da educação intercultural, diversificada, como fundamento para um processo de reformulação de métodos e objetivos de produção de conhecimentos e sua mediação pedagógica. É uma nova pedagogia do dialogo intercultural.

Os conhecimentos e o desafio da palavra escrita

Na formação do pedagogo indígena o uso da palavra escrita adquire importância como instrumento para exercer o poder e para sistematizar conhecimentos, esforçando-se para superar o saber descontextualizado e congelado em papel, mas também para induzir o diálogo, provocar reflexão e aprender os códigos da sociedade dominante, sem deixar-se dominar. Seguir pensando com a cabeça própria, mesmo em outra língua!

O conhecimento é um tecido de suposições teóricas e experiências empíricas em torno do que é humanamente pensável ou, ainda, impensável. Baseia-se numa pedagogia do ser humano pensante: ele não pode deixar de aprender. Somos seres guiados por teorias e experiências práticas, organizando nosso mundo a partir de nossas percepções, da nossa cultura e língua.

"Racional" ou "científico" é tudo o que é coerentemente relacionado ao mundo em que se vive. É cultural e específico, não pode ser universal. A "aldeia universal" é uma ficção de um mundo uniforme e com um acesso igualitário ao conhecimento. Nem um nem o outro é real.

Tem conteúdos de conhecimento e categorias de codificação de conhecimentos que são basicamente diferentes da ciência mal chamada “universal”, de origem europeia. Porque não é um universo, mas um pluriverso do qual falamos!

A perspectiva da "ciência" em relação ao conhecimento indígena tem sido caracterizada por três maneiras (César Carrillo 2012):

- - O desprezo pelo "supersticioso" ou "irracional" ou "pré-científico"
- - A ideologia de admiração ao "originário", "autêntico", "natural" ou "alternativo".
- - A validação pedante através de instrumentos analíticos da ciência ocidental (positivismo).

A história do surgimento e desenvolvimento da "Ciência" está diretamente relacionada ao COLONIALISMO e à noção da "natural" superioridade cultural europeia, considerando ela como a "civilização" por excelência. O resultado é uma visão assimétrica e hegemônica dos sistemas de conhecimento diferenciados que surgem, cada um, de uma situação específica das sociedades e do entorno ecossistêmico, para responder às necessidades e questionamentos básicos do ser humano.

Pluriverso: é a construção de um mundo pluricultural explícito, onde toda cultura encontra seu lugar e pode manter um intercâmbio contínuo e intenso com outras culturas em uma relação de igualdade. Faz sentido de aceitar uma coexistência não hierárquica dos sistemas de conhecimento, como num diálogo respeitoso entre um médico e um curandeiro.

A utopia concreta: Será possível uma nova prática do intercâmbio de conhecimentos?

É cada vez mais evidente o fim da ciência ocidental em termos de apropriação colonial e pós-colonial dos espaços extra europeus. Significa também o fim do imperialismo cultural euro-americano. No seu lugar surge um diálogo de conhecimentos holísticos, que dá mais importância ao intercâmbio de conhecimentos e à interconectividade dos conhecimentos, do que à acumulação de novos conhecimentos. Reconhece a coexistência de espaços multidimensionais de conhecimento humano sem postular a "objetividade" da ciência (dissociando-a do contexto).

Com isso se abrem portas para um novo acordo entre ciência e sociedade que não postula uma suposta "autonomia" científica, mas uma responsabilidade do cientista perante a sociedade, exigindo transparência, acessibilidade e aplicabilidade dos resultados gerados em suas pesquisas. Esse movimento busca conseguir gerar uma ciência globalizada, multifocal e pluricultural, superando as hegemonias estabelecidas durante o colonialismo.

Os desafios para os, a cada ano, mais numerosos universitários indígenas nas universidades latino-americanas resultam em vários campos, por exemplo:

- as universidades não estão preparadas para receber estudantes indígenas e as comunidades não estão preparadas para receber acadêmicos. Então, como deveria ser uma universidade realmente atrativa e estimulante para indígenas?

- existe um desafio epistemológico, necessário para a integração do pluralismo de sistemas de conhecimentos, equiparando os conhecimentos de transmissão oral com os do mundo dos letrados e dos donos do papel escrito, exacerbado pelo ritual humilhante do burocratismo acadêmico;

- igualmente existe o desafio pedagógico de aplicar os princípios do diálogo intercultural não somente entre os índios, senão como meios de produção de conhecimentos num mundo interconectado a nível global, fomentando o intercâmbio trans-fronteira, no sentido geográfico, cultural e disciplinar;

- precisa-se assumir e defender a identidade própria e os conhecimentos contextualizados, não fingir de não saber nada ou ambicionar saber tudo, como afirmação cultural, reforçando conhecimentos, não substituindo-os. Descolonizar a mente, aprender pensar juntos com outros, usar e produzir conhecimentos em línguas indígenas e aprender a dialogar com especialistas do saber, na língua deles.